

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Em 1979, fui convidada a trabalhar numa equipe, no subúrbio de Paris, com adolescentes suicidas, trabalho que se constituiria no tema de minha tese de doutorado. A partir desse convite, há exatamente vinte anos, pude verificar duas direções para o desenvolvimento do projeto: 1) a da bibliografia que levantei em relação ao tema: por um lado, esta era bastante escassa; por outro, os autores que diziam sustentar uma prática psicanalítica sublinhavam uma preocupação pedagógica para com esses adolescentes, deixando pouco espaço à causa freudiana; 2) o texto freudiano, até então pouco questionado quanto à adolescência e ao suicídio, mas já então provocando nesta leitora uma transferência de trabalho que jamais há de esgotar-se.

Os quase cinco anos de doutoramento, sustentados com a ajuda de uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), acrescentaram à minha aposta na segunda direção a descoberta da leitura que Jacques Lacan havia realizado da obra de Sigmund Freud, influenciando desde então o meu encontro com o texto freudiano.

Este livro, redigido nos primeiros anos de meu retorno ao Brasil, após retomar o trabalho com os adolescentes no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), trouxe à avaliação pública o que pude desenvolver a partir de minha aposta, e que é, ao

mesmo tempo, a aposta de todos aqueles que acreditam no inconsciente e sabem que o sujeito por ele determinado é mais forte quando organiza os estábulos de Augias – referência freudiana à vida pulsional – do que quando, egoicamente, nega-os. A primeira edição de *Esse sujeito adolescente* data de 1996. Para a segunda edição, procedemos a uma revisão e acrescentamos tanto as pontuações norteadoras de uma leitura conceitual em cada capítulo quanto um glossário dos termos em alemão no final da obra.

Para o psicanalista, o texto *princeps* sobre a adolescência data de 1905: a redação de “Três ensaios sobre a sexualidade” não só fundamenta a adolescência na puberdade, ou seja, no encontro com o real do sexo, como também a considera um trabalho que implica o desligamento dos pais.

Essa posição define o adolescente como neurótico, uma vez que ele se situa na partilha dos sexos. Para que haja o desligamento dos pais, é fundamental que neles algo falhe. Caso contrário, não haveria razão para esse desligamento. O que falha, ou melhor, o que o sujeito adolescente verifica como falha, é a própria função paterna, que não alcança a sustentação do sujeito que, quando criança, supunha um Outro consistente. Diante dos impossíveis – a relação sexual, A Mulher, a castração – o sujeito é fundamentalmente desamparado, e o adolescente se depara com isso de um modo em que não há retorno. Contra as tempestades que daí decorrem – as quais o romantismo na literatura soube tão bem eternizar no início do século XIX – Freud propõe as *Bändigungen*,¹ ou diques que determinarão a vida pulsional.

Por outro lado, o adolescente tem horror de descobrir o objeto que ele foi para o Outro, e daí sua tentativa de se distanciar dele, de injuriá-lo, como o demonstra o texto *O despertar da primavera* (1891), de Frank Wedekind, no qual os professores – substitutos natos dos pais – são renomeados de formas muito cômicas.

¹ *Bändigung* e *Bindung* são dois termos freudianos similares. Ambos têm várias conotações e, por exemplo, permitem a tradução por “laço” (cf. Hanns, 1996). Para meu uso, optei por traduzi-los respectivamente por “amarração” e “ligação”.

Duas saídas então para o sujeito adolescente: a neurose propriamente dita, escolha do sujeito que não encara o sem retorno da definitiva constatação do desamparo fundamental, e o trabalho, muito trabalho, como o demonstra Törless, ao fazer uma travessia para uma nova realidade no final de sua adolescência.

Como nos ensina, por exemplo, Montserrat, filha de uma vítima da ditadura dos anos 1970 no Chile, é por buscar a singularidade enquanto sujeito que o adolescente precisa trabalhar para elaborar sua determinação histórica e dela retirar suas conseqüências. Seu caso nos ensina, para além do sentido histórico, que a questão do sujeito aparece onde falta o sentido, do mesmo modo que até hoje é impossível atribuir sentido ao que então acontecia no Chile.

O analista, tantas vezes convidado a acompanhar o adolescente em seu trabalho, e que basicamente deve proceder aos cortes ímpares na infinda cadeia de demandas, como o disse Lacan em “O Seminário, livro 9: a identificação” (1961-2), surpreende-se com a perspicácia dos ditos que o “despertar da primavera” provoca nesses sujeitos, que, mais do que quaisquer outros, vivem o momento mais rico do exercício da subjetividade: o sujeito adolescente sabe por experiência que não pensa ou não é, jamais totalmente determinado pelo pensamento e nunca sendo por inteiro.

Daí o ato ser fundamentalmente um ato de coragem: tentativa de dar conta dessa inconsistente leveza do ser, tentativa de impor uma força do pensamento, que muitas vezes pode levar ao pior: a morte. E quantas vezes por engano... Mal-entendido primordial que esses sujeitos adolescentes presentificam, relançando o enigma do humano: enquanto houver adolescentes, haverá humanidade.

O que uns fazem, outros imaginam, fantasiam. “As fantasias da época da puberdade se vinculam à investigação sexual infantil abandonada na infância”, diz Freud (1905a: 129, nota 2 de 1920), reatualizando-a nos romances familiares, que são reações “às diferenças de sua atual posição em face dos pais em relação à de sua infância” (: 129), e nas quais o sujeito se percebe como tendo sido deixado cair como objeto dos pais, fantasiando, em troca, situações em que substitutos dos pais o reconhecem

(cf. “O romance familiar dos neuróticos”, 1909c). Demanda de reconhecimento (cf. capítulo 8) na impossibilidade, ainda presente, de sustentar a certeza do exercício de sua posição de sujeito e na falta de parâmetros suficientes para decidir e assumir todos os nortes de tal exercício.

Esse sujeito adolescente tem bem mais para ensinar ao psicanalista do que podiam supor os autores de vinte anos atrás. Ele continua ensinando, no cotidiano de meu trabalho.

O DESPERTAR DO ADOLESCENTE

Este primeiro livro de Sonia Alberti é o resultado de seus estudos em Paris, onde escreveu uma tese de doutorado em Psicologia, enquanto fazia formação psicanalítica na École de la Cause Freudienne. Ao chegar ao Rio de Janeiro, continuou sua pesquisa sobre adolescentes a partir da clínica e da literatura de língua alemã.

A autora não pretende fazer da adolescência uma nova especialidade “psi”, nem uma apologia pastoral e nostálgica de um momento existencial da vida do indivíduo. Ela antes procura mostrar que o adolescente – definido simplesmente pela faixa etária que se inicia na puberdade – é um sujeito que se depara com a conjunção do real do sexo e a responsabilidade do ato. O adolescente é um sujeito do inconsciente. “Não só”, diz Sonia Alberti, “o psicanalista não sabe o que é melhor para o adolescente, como também não pretende explicá-lo. Isso, de todo modo, não o impede de pesquisar na história, na mitologia, na literatura e, sobretudo, na clínica qual o destino do sujeito nesse momento, às vezes aniquilador, do encontro – necessariamente faltoso (*distykhia*) – com o real do sexo” (: 56).

Este livro, portanto, opera mais uma desconstrução do que uma construção da adolescência, sem evitar o que seria próprio a esse período da vida do sujeito desejanste. Assim, podemos percorrer uma vasta revisão bibliográfica sobre o tema, o que nos dá amplo panorama da questão. A adolescência, tal como nos mostra Sonia Alberti, é

o paradigma dos impasses do sujeito diante da confrontação com a impossibilidade de uma relação de completude entre os sexos.

A via de entrada escolhida pela autora para circunscrever o tema é a clínica do ato como modalidade de emergência do real. Ali onde o real do sexo emerge, ele é abordado pelo sujeito adolescente por meio do ato. E, seguindo a orientação lacaniana, ela aposta não no Pai – tornando a adolescência uma crise de revolta contra o Outro da Lei – e sim no pior, a opção de sair de cena como uma resposta ao impossível de suportar do real do sexo: o suicídio. Nos casos de Sílvia, sua paciente, ou de Virgínia Woolf, cujo suicídio foi decidido aos treze anos, trata-se de um pular fora, seja de casa ou da cadeia de significantes. Nenhuma tentativa de suicídio, bem ou malsucedida, é igual a outra. Enviar uma mensagem de apelo ao Outro é radicalmente diferente de defenestrar-se, para dele se separar.

Com sólido domínio das sutilezas da língua alemã, Sonia Alberti nos faz revisitar textos freudianos fundamentais, comentando os termos originais, bem como romances de autores como Johann Wolfgang von Goethe, Robert Musil e Frank Wedekind. Ela também retoma os casos freudianos de duas adolescentes que flertaram com o suicídio, como nos mostram a carta de despedida de Dora e o pulo da ponte férrea da Jovem homossexual, ao deparar-se com o olhar furioso do pai, vendo-a desfilhar com sua amada. E recorda a discussão de 1910 na Sociedade Psicanalítica de Viena sobre o suicídio dos jovens secundaristas. Apresenta-nos, de outra parte, um percurso da teoria do ato na obra de Freud e no ensino de Lacan, para explicitar em que o suicídio é o único ato bem-sucedido e porque é um recurso tão utilizado pelo sujeito adolescente.

A questão do Pai como função simbólica é crucial na adolescência: o adolescente faz um apelo ao pai na tentativa de dar conta do impacto do gozo que o invade. Mas o pai será forçosamente incompetente para responder às questões cruciais do sujeito, tornando-se a partir daí imaginariamente culpado, pois estará sempre alguém da função que representa.

Do Pai, passamos com a autora à Pátria, com a qual a relação do adolescente em termos de laço social é analisada pelo prisma do mo-

vimento dos “caras-pintadas”, surgido em 1992 e cujos protagonistas foram os estudantes secundaristas brasileiros.

Por fim, a adolescência é descrita como uma travessia das aparências, na qual o sujeito abandona determinadas identificações imaginárias com os pais para partir em sua aventura do outro lado da ponte, como o personagem Törless, de Musil, cujo desejo de saber manifesta-se na aula de matemática diante da perplexidade causada pelo número imaginário, unidade impossível, porém contável. Esse número imaginário, que Lacan faz equivaler ao falo, é comparado por Törless a uma ponte que só teria estacas no início e no fim, mas que percorremos como se fosse inteira. Tal travessia do imaginário, muitas vezes não pouco tumultuada, é determinada por uma conjuntura simbólica própria a cada um, diante do real de um gozo desconhecido pelo sujeito.

Se a entrada na adolescência pode ser detectada, resta saber se, como o despertar da primavera do desejo, ela tem um fim.

ANTONIO QUINET